

CARTA ECUMÉNICA

**DIRETRIZES ATUALIZADAS
PARA A CRESCENTE COOPERAÇÃO
ENTRE AS IGREJAS NA EUROPA**



**Conferência das Igrejas Europeias (CEC)
Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE)**

**Conferência das Igrejas Europeias (CEC)
Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE)**

CARTA ECUMÉNICA

**DIRETRIZES ATUALIZADAS
PARA A CRESCENTE COOPERAÇÃO
ENTRE AS IGREJAS NA EUROPA**

Tradução e publicação

Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC)
Conferência Episcopal Portuguesa (CEP)

Edição

Secretariado geral
da Conferência Episcopal Portuguesa
Quinta do Bom Pastor
Estrada da Buraca, 8-12
1549-025 LISBOA

Formatação

Manuel Costa

Impressão

Gráfica Almondina

Janeiro 2026

APRESENTAÇÃO DO COPIC

Num passo histórico para a unidade cristã, a Conferência das Igrejas Europeias (CEC) e o Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE) lançaram a Carta Ecuménica revista em 5 de novembro de 2025, em Roma. O Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC) esteve presente neste lançamento. Agora a apresentação e a edição conjunta em português pelo COPIC e a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) da Carta Ecuménica revista, expressa um renovado compromisso na construção da unidade visível entre as Igrejas e os cristãos em Portugal.

Oficialmente iniciada no ano de 1992 a relação entre o COPIC e a CEC permitiu o estreitar da comunhão entre as Igrejas e o desenvolvimento de uma cultura ecuménica de diálogo e cooperação aos diversos níveis e em diferentes áreas e regiões do nosso país. Muitos tem sido os frutos desta relação, permitindo que novas gerações de cristãos, cresçam num clima de respeito e amor mútuo entre irmãos e irmãs na mesma fé em nosso Senhor Jesus Cristo e no acolhimento da rica diversidade de tradições existente no seio das Igrejas.

A Carta Ecuménica lançada em 2001 a nível Europeu e também editada na altura em português pelo COPIC e a CEC serviu de orientação e de inspiração para o caminhar ecuménico nas últimas décadas. O reconhecimento mútuo do batismo entre as Igrejas em Portugal no ano de 2014 constituiu sem dúvida um marco neste caminhar e que urge ainda ser devidamente assumido e aplicado na comunhão sacramental entre as Igrejas. Volidos 24 anos e perante as muitas mudanças ocorridas na Europa e nas Igrejas, a Carta Ecuménica foi revista para atender aos novos desafios e áreas de Missão conjunta que agora se oferecem. A particularidade desta Carta enquanto documento que apresenta as responsabilidades ecuménicas fundamentais é a de permitir, que as Igrejas contextualizem o seu agir na realidade social, política e religiosa que o Portugal de hoje nos apresenta. E devem-no fazer para que todos sejamos um em Jesus Cristo e o mundo creia.

Este é, pois, o desafio que agora se nos oferece na fidelidade a Jesus Cristo, o Senhor da única Igreja, e que é a nossa maior esperança de reconciliação e paz.

D. Jorge Pina Cabral

Bispo da Igreja Lusitana e Presidente do COPIC

APRESENTAÇÃO DA CEP

Em nome da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) quero exprimir uma palavra de saudação à Conferência das Igrejas Europeias (CEC) e ao Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE) pela aprovação conjunta, a 5 de novembro de 2025 em Roma, da revisão da Carta Ecuménica de 2001. Trata-se de um relevante marco no processo da construção da unidade entre as Igrejas cristãs na Europa, bem como no caminho comum que estamos a percorrer em Portugal, particularmente na estreita colaboração entre a Igreja Católica e as outras Igrejas cristãs. A edição conjunta deste documento, da CEP e do COPIC (Conselho Português de Igrejas Cristãs), é expressão concreta deste processo conjunto.

“Jesus Cristo, o Senhor da única Igreja, é a nossa maior esperança de reconciliação e paz. Em seu nome, comprometemo-nos a continuar o nosso caminho comum na Europa. Oramos pela orientação de Deus através do poder do Espírito Santo. Que Deus nos torne perfeitos em toda a boa obra e aceite a nossa concórdia como pessoas unidas na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

Inserida no prefácio e recomendação da Carta Ecuménica, esta feliz síntese indica aquilo que nos une na mesma fé em Jesus Cristo e rasga horizontes de compromisso na reconciliação e na paz. Constitui a base para os vários compromissos elencados em cada um dos 14 pontos, que vão desde o chamamento juntos para a unidade da mesma fé e o diálogo e testemunho juntos até à salvaguarda da criação, até ao acompanhamento dos migrantes, refugiados e pessoas deslocadas e ao envolvimento com as novas tecnologias, passando pelo fortalecimento de novas relações com as outras religiões e visões do mundo em mudança.

Que estas propostas atualizadas sejam incentivo para aprofundar as relações entre as nossas Igrejas cristãs, nas legítimas diferenças que, longe de nos separar, concorrem para a unidade e a cooperação, sempre sintonizados na mesma fé no Senhor Jesus e na Igreja nele gerada.

D. José Ornelas

Bispo de Leiria-Fátima e Presidente da CEP

CARTA ECUMÉNICA

Diretrizes atualizadas para a crescente cooperação entre as Igrejas na Europa

Prefácio e recomendação

«Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo»

Como Conferência das Igrejas Europeias (CEC) e Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE), damos graças a Deus pela crescente comunhão/aproximação entre as Igrejas na Europa desde a assinatura da Charta Oecumenica em 2001. Por mais de duas décadas, a Charta tem desempenhado um papel importante ao fornecer recursos e ao proporcionar desenvolvimentos ecuménicos em muitas partes da Europa.

A Charta Oecumenica foi recebida de forma diferente pelas igrejas em toda a Europa. Em algumas regiões, foi pouco utilizada; noutras, serviu de base para o debate e a cooperação ecuménicos. A Carta tem sido utilizada para estabelecer parcerias ou acordos ecuménicos, para inspirar projetos e even-

tos e para contribuir para o reconhecimento mútuo do batismo entre igrejas ao nível regional.

Desde que a Carta Ecuménica foi assinada pela primeira vez em 2001, a Europa, as igrejas e o ecumenismo mudaram. Perante estes desenvolvimentos, reconhecemos a necessidade de atualizar o texto da Carta Ecuménica. Esta atualização reflete a nossa esperança contínua e o nosso trabalho no sentido de aprofundar a unidade na diversidade das nossas igrejas, ouvindo a oração de Cristo para que «todos sejamos um» (João 17,21).

Damos graças pela confiança e amizade, pelas oportunidades de ouvirmos juntos a palavra de Deus e de testemunharmos e agirmos juntos. Ao mesmo tempo, reconhecemos e lamentamos as divisões que continuam a existir entre as igrejas e as nossas falhas humanas na fé, no amor e na esperança. Adotamos esta Carta atualizada com o espírito de confiança de que Deus nos guiará na nossa jornada uns com os outros, rumo a uma comunhão e compreensão mais profundas, e nos apoiará na nossa responsabilidade partilhada, não só uns pelos outros, mas também pelo futuro da Europa e do mundo.

Jesus Cristo, o Senhor da única Igreja, é a nossa maior esperança de reconciliação e paz. Em seu nome, comprometemo-nos a continuar o nosso

caminho comum na Europa. Oramos pela orientação de Deus através do poder do Espírito Santo. Que Deus nos torne perfeitos em toda a boa obra e aceite a nossa concórdia como pessoas unidas na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amén.

Como presidentes da Conferência das Igrejas Europeias e do Conselho das Conferências Episcopais da Europa, recomendamos esta versão atualizada da Charta Oecumenica a todas as igrejas e conferências episcopais da Europa, para que seja adotada e adaptada em cada um dos seus contextos locais.

Com esta recomendação, assinamos a versão atualizada da Charta Oecumenica, no primeiro domingo após a celebração comum da Páscoa no ano de 2025, o 1700.º aniversário do primeiro concílio ecuménico, o Concílio de Niceia.

Roma, 5 de novembro de 2025

+ Nikitas

Arcebispo de Thyateira e Grã-Bretanha

Presidente da Conferência das Igrejas Europeias

+ Gintaras Grušas

Arcebispo de Vilnius

Presidente do Conselho das Conferências

Episcopais Europeias

INTRODUÇÃO E OBSERVAÇÕES GERAIS

O desejo de fornecer uma versão atualizada da Charta Oecumenica está ligado às muitas mudanças que a Europa, as igrejas e o ecumenismo sofreram nas últimas duas décadas. Como cristãos, olhamos com esperança para o futuro, pois vivemos na expectativa do reino de Deus, ainda por vir e já presente neste mundo. Nós, signatários da Carta, CEC e CCEE, reconhecemos os frutos do Evangelho de Cristo na vida das nossas sociedades. No entanto, reconhecemos também que a crise climática se tornou mais urgente; a guerra, os deslocamentos, a pobreza, o populismo, o uso indevido da religião e muitas dificuldades inter-relacionadas causaram grande sofrimento e elevada angústia. O rápido desenvolvimento tecnológico mudou as nossas realidades em modos que ainda estamos a tentar compreender. A Europa está também a tornar-se cada vez mais secular e, na maior parte da Europa, o papel das igrejas já não pode ser dado como garantido. Esta per-

da de influência tem muitas causas, entre as quais a falta de credibilidade das igrejas como resultado de pecados de ordem pessoal e estrutural.

Nesta situação, a necessidade de partilha ecuménica tornou-se ainda mais evidente. A nossa missão hoje é testemunhar a nossa fé, envolvendo-nos no diálogo, mesmo para além das relações inter-cristãs, e servir os povos da Europa, do Atlântico aos Urais, do Cabo Norte ao Mediterrâneo. À semelhança desta ampla compreensão da Europa, a Carta dá testemunho da Igreja universal de Cristo, que se manifesta em diversas igrejas locais. Convidamos todas as igrejas, conselhos eclesiais, organizações e iniciativas ecuménicas a associarem-se à Carta atualizada.

A Carta atualizada tem uma nova ordem, começando com a nossa crença, a nossa escuta da palavra de Deus e a partilha do nosso testemunho, identificando depois as esferas de encontro e, finalmente, abordando os campos de responsabilidade partilhada e compromisso com a Europa. Alguns destes campos exigiram o acrescento de novos capítulos, nomeadamente sobre a paz e a reconciliação, sobre a migração e sobre as novas tecnologias. Reconhecendo o papel central que a juventude sempre desempenhou nas igrejas e no ecumenismo, dedicámos um capítulo separado aos jovens

e ao seu envolvimento. Além disso, a Carta atualizada contém mais compromissos, que também são mais detalhados. Que refletem um crescimento das relações ecuménicas, mas também a sua diversificação. Ao mesmo tempo, os compromissos contêm recomendações específicas, encorajando as igrejas e os atores ecuménicos a tomar medidas concretas e a utilizar a Carta tanto na sua totalidade como em partes, dependendo dos seus contextos, situações e necessidades.

Embora a revisão tenha sido liderada por um grupo de trabalho conjunto da CEC-CCEE, as igrejas e os organismos ecuménicos de toda a Europa demonstraram grande interesse e envolvimento no processo de consulta que informou este texto revisado. O seu envolvimento extenso e profundo com o texto, os seus comentários perspicazes, as suas respostas matizadas e construtivas foram decisivos para o processo de revisão. Além disso, as suas contribuições testemunham os frutos que podem ser colhidos do envolvimento com o texto e os seus compromissos. Esperamos que esse envolvimento tenha continuidade.

Tal como anteriormente, a Charta Oecumenica atualizada delineia as responsabilidades ecuménicas fundamentais de todas as igrejas na Europa, das quais decorrem diretrizes e compromissos. A Char-

ta tem como objetivo promover uma cultura ecuménica de diálogo e cooperação a todos os níveis da vida da igreja e fornecer critérios consensuais para essa cultura. Reconhecemos, no entanto, que não tem carácter magisterial ou dogmático, nem é juridicamente vinculativa ao abrigo do direito eclesiástico. A sua autoridade e finalidade derivam do compromisso voluntário das igrejas europeias e das organizações ecuménicas de utilizar, adaptar e implementar a Carta de forma adequada e frutífera a diferentes níveis e em diferentes contextos. Esta versão atualizada procura seguir o espírito e o legado da Charta Oecumenica original e contribuir para a continuidade da sua relevância e utilidade.

I. ACREDITAMOS NA «IGREJA UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA»

«(Fazei) todo o esforço para manter a unidade do Espírito no vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, assim como fostes chamados para a única esperança da vossa vocação, um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, por todos e em todos» (Efésios 4,3-6)

1. Chamados juntos para a unidade na fé

Com o Evangelho de Jesus Cristo, de acordo com o testemunho da Sagrada Escritura e conforme expresso no Credo Ecuménico Niceno-Constantinopolitano de 325/381, acreditamos em um só Deus, «o Pai, o Todo-Poderoso, criador do céu e da terra»; um só Senhor Jesus Cristo, que na Sua encarnação, crucificação e ressurreição nos revela o amor de Deus e o mistério da reconciliação; e no Espírito Santo, «o doador da vida», que nos atrai para viver em *koinonia* (comunhão e partilha participativa) com Ele e com todo o povo de Deus. Porque confessamos uma «Igreja una, santa católica e apostólica», a nossa tarefa ecuménica primordial é mostrar essa unidade.

Em obediência à comissão final de Cristo e sob impulso do Espírito Santo (Atos 2,46-47), estamos prontos para «anunciar a Boa Nova a toda a criação» (Mc 16,15), e especialmente a todos os povos da Europa; e a anunciá-la juntos. Acreditamos e já experimentamos esta proclamação da Boa Nova (*kerygma*) como um sinal poderoso, fonte da nossa unidade, que é sempre um dom de Deus.

No entanto, certas diferenças são obstáculos à unidade visível, entre as quais as relativas à nossa compreensão da Igreja, dos sacramentos e do ministério. Lamentamo-lo profundamente, porque sabemos que o que partilhamos juntos é mais profundo e maior do que tudo o que nos separa.

Comprometemo-nos

- a seguir a exortação apostólica à unidade e a intensificar a nossa procura por um discipulado comum em Cristo;
- a arrepender-nos e a procurar o perdão e a reconciliação, envidando todos os esforços para superar as divisões que separam as igrejas;
- a discernir e abraçar a diversidade que manifesta o rico propósito de Deus;

- a continuar a buscar a unidade visível da Igreja de Jesus Cristo na única fé, em obediência à Palavra de Deus nas Escrituras, seguindo a orientação do Espírito Santo, caminhando em direção ao reconhecimento mútuo do Batismo, à comunhão eucarística e ao testemunho e serviço comuns.

II. A CAMINHO DA UNIDADE VISÍVEL DAS IGREJAS

«Nisto todos conhecerão que vós sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros»
(João 13,35)

2. Ouvir a Palavra de Deus e orar juntos

O movimento ecuménico é obra do Espírito Santo, que encoraja os crentes e as igrejas a crescerem no amor mútuo e a responderem ao apelo à unidade. Este vive da nossa escuta da Palavra de Deus e de deixarmos o Espírito Santo agir em nós e através de nós. No poder da graça de Deus, muitas iniciativas diferentes procuram, por meio da oração e da adoração, aprofundar a comunhão espiritual entre as igrejas, orando pela unidade visível da Igreja de Cristo.

Sabendo que «todos fomos batizados num único Espírito para formar um único corpo» (1 Cor 12,13), celebramos sinais de esperança: ouvimos juntos a Palavra de Deus, alguns utilizando traduções conjuntas da Bíblia e lecionários. Oramos com as palavras que o nosso Senhor nos ensinou, estudamos a Bíblia juntos, adoramos juntos, reunimo-nos para orações ecuménicas e celebramos em conjunto a

Semana de Oração pela Unidade Cristã. Apesar dos esforços significativos em prol da hospitalidade eucarística e da comunhão, as divisões permanecem. As igrejas cristãs e as famílias intereclesiais vivem com essa dor.

Comprometemo-nos

- a ouvir o Espírito Santo e a partilhar os dons espirituais;
- a ler e estudar as Escrituras e a discernir juntos a Palavra de Deus;
- a aprender a conhecer e a apreciar a adoração e outras formas de vida espiritual praticadas por outras igrejas;
- a reunir-nos para orar uns com os outros e uns pelos outros e pela unidade cristã;
- a continuar a avançar no sentido da hospitalidade eucarística mútua e da comunhão;
- a incentivar o uso de traduções conjuntas da Bíblia e hinários comuns.

3. Aproximando-nos uns dos outros

No espírito do Evangelho, queremos testemunhar a unidade e a comunidade cristãs. No entanto, reconhecemos as nossas divisões históricas e atuais, que impedem o nosso testemunho conjunto perante este mundo. Reconhecemos que a culpa humana, a falta de amor e o abuso da fé e da igreja para interesses políticos e egoístas prejudicaram gravemente a credibilidade do testemunho cristão. O ecumenismo começa, portanto, com a renovação dos nossos corações, criando uma cultura de amor e promovendo a hospitalidade e a confiança.

Fundados no Evangelho de Jesus Cristo, procuramos reconciliar-nos uns com os outros e com a nossa história. Continuamos a aprofundar a compreensão das teologias e tradições uns dos outros.

Comprometemo-nos

- a contribuir para o estudo conjunto da nossa história de fé, a cura das memórias e a reconciliação;
- a trabalhar para revogar as condenações mútuas;
- a superar as tentações de autossuficiência, isolamento, indiferença ou preconceito dentro de cada igreja;

- a continuar a lutar por uma compreensão mais profunda entre as tradições cristãs e a prosseguir diálogos ecuménicos;
- a promover a abertura ecuménica e a cooperação em obras de caridade, iniciativas de justiça social e educação, formação e investigação cristãs e teológicas.

4. Testemunhar juntos

A proclamação do Evangelho começa com o testemunho, tanto por palavras como por ações. Reconhecemos a recente história europeia de secularização, pluralismo e individualismo. Observamos também as relações diversas e complexas entre os Estados e as religiões nos países europeus. Por isso, é vital dar testemunhar de forma que conduzam ao empenhamento tendo em conta os diferentes contextos e necessidades.

Acreditamos que a dignidade humana e a liberdade decorrem da nossa criação à imagem de Deus. O nosso testemunho respeita, portanto, a liberdade religiosa como fundamental para a resposta ao apelo do Evangelho. Ou seja, abstermo-nos de coagir as pessoas a converterem-se por pressão moral ou incentivos materiais, sem impedir ninguém de abraçar a fé por sua própria vontade.

Um testemunho credível exige que divulguemos a Boa Nova juntos e não em competição uns com os outros. É importante viver e proclamar o Evangelho juntos nas famílias, entre amigos, nos nossos locais de trabalho, nas nossas congregações, na educação, no cuidado pastoral, tanto através de encontros pessoais como em espaços digitais. A proclamação da fé, também no domínio público, deve fornecer orientação na vida, apoiando as pessoas que lutam com questões éticas, sociais e políticas.

O testemunho também exige que nos envolvamos honestamente com as nossas próprias falhas. Consequentemente, confessamos que as nossas igrejas se envolveram em ações pecaminosas e escandalosas em vez de testemunhar, causando e permitindo grandes danos. Uma parte essencial do nosso testemunho é trabalhar para curar as feridas infligidas aos membros vulneráveis das nossas igrejas.

Comprometemo-nos

- a aproximar-nos das igrejas nos nossos contextos com as quais ainda não temos relações, buscando ativa e abertamente oportunidades de testemunho conjunto e cooperação;
- a partilhar o testemunho e a evangelização com outras igrejas, celebrando acordos com

elas para promover a confiança mútua e evitar a concorrência prejudicial e o risco de novas divisões;

- a defender o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião;
- a contribuir ativamente para o reconhecimento e apoio daqueles que sofreram, ouvindo as suas histórias e honrando as suas memórias;
- a denunciar comportamentos abusivos, responsabilizando os perpetradores e aqueles que os protegem;
- a estabelecer em conjunto culturas de acolhimento, proteção, bondade, verdade e paz.

5. Continuar o diálogo e agir em conjunto

Nas últimas décadas, guiados pelo Espírito Santo, percorremos um longo caminho no diálogo e no encontro entre as nossas igrejas. Muitos cristãos de diferentes igrejas vivem lado a lado nos seus bairros, no trabalho e nas suas famílias, interagindo com amizade. As famílias inter-eclesiais tornaram-se uma fonte e uma inspiração no seu modelo de vida ecuménica, apontando para os desafios que surgem das diferenças confessionais e abrindo caminhos para encontrar novas formas de estar juntos no amor.

Foram criados e implementados organismos ecumênicos bilaterais e multilaterais para a cooperação a nível local, regional, nacional e internacional. Estes organismos produziram documentos e acordos de grande importância que ajudaram as nossas igrejas a desenvolver a sua reflexão teológica e forneceram recursos para a sua ação conjunta. Estamos gratos ao Senhor pelo que foi alcançado.

A nível europeu, é necessário reforçar a colaboração entre a Conferência das Igrejas Europeias (CEC), o Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE) e outras organizações eclesiais interdenominacionais. É também importante integrar as perspetivas da igreja global nestas conversações.

Em caso de conflito entre e dentro das igrejas e famílias eclesiais, devem ser iniciados e apoiados esforços de mediação e paz, conforme necessário. É importante reagir com espírito de honestidade, humildade, arrependimento e compromisso inequívoco com o Evangelho libertador de Cristo perante quaisquer tendências de extremismo ou polarização nas igrejas, ou o uso indevido da religião. Reconhecendo que ainda existem questões que causam dificuldades no nosso diálogo, somos fortalecidos pela forma como caminhamos juntos.

Comprometemo-nos

- a viver e agir juntos em todos os níveis da vida da igreja, sempre que as condições o permitirem e não houver razões de fé ou conveniência imperiosa que o impeçam;
- a continuar um diálogo consciente e intenso a diferentes níveis entre as nossas igrejas e a incentivar a aceitação e implementação de documentos ecuménicos;
- a promover e apoiar redes ecuménicas, comunidades religiosas e movimentos populares;
- a proteger os direitos das minorias religiosas, a abordar mal-entendidos e a superar preconceitos entre igrejas maioritárias e minoritárias nos nossos países;
- a promover o diálogo e discutir em conjunto questões controversas de fé e ética à luz do Evangelho.

6. Os jovens nas igrejas e no ecumenismo

Os jovens não são apenas o futuro, mas também o presente das igrejas e do ecumenismo. São membros vitais da Igreja (1 Tim 4,12) e trazem perspetivas e energia que ajudam as igrejas a estar à altura das necessidades e dos desafios da sociedade con-

temporânea. Ao mesmo tempo, o crescimento da secularização na Europa e os baixos níveis de confiança nas instituições religiosas tornam difícil para os jovens terem um sentimento de pertença e de integração significativa numa igreja ou em atividades ecuménicas, e expressarem essa pertença e integração. Afirmamos, no entanto, o papel decisivo que as organizações de jovens e estudantes, bem como os encontros de jovens, sempre desempenharam nas igrejas e no ecumenismo.

Os processos e celebrações ecuménicos muitas vezes carecem de um envolvimento integral dos jovens, em parte porque a sua cultura e linguagem têm pouco significado para as gerações mais jovens. No entanto, para muitos jovens crentes de hoje, ser cristão significa ser ecuménico. No caminho para a unidade visível das igrejas, portanto, precisamos garantir que os jovens encontrem e moldem espaços para a comunidade, o crescimento espiritual, a responsabilidade social e o diálogo significativo com os outros.

Comprometemo-nos

- a integrar os jovens, as suas experiências e expectativas em todos os aspetos da vida da igreja, incentivando ativamente a sua plena participação nos processos de tomada de decisão e apoiando iniciativas lideradas por jovens;
- a facilitar, em conjunto com os próprios jovens, oportunidades de crescimento espiritual e desenvolvimento de liderança por meio de programas juvenis, de mentoria e de formação;
- a promover relações intergeracionais entre Igrejas e dentro delas, promovendo a aprendizagem e a compreensão mútuas entre membros jovens e mais velhos;
- a defender os direitos e o bem-estar dos jovens na sociedade em geral, abordando questões como educação, emprego, justiça intergeracional e saúde mental.

III. ESFERAS DE ENCONTRO NA EUROPA

«Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus» (Mateus 5,9)

7. Participar na construção da Europa num mundo em mudança

As igrejas entendem o seu compromisso com a construção da Europa como parte da sua missão. A unidade da Europa é fruto da partilha das muitas riquezas decorrentes da diversidade do seu povo. A fé cristã contribuiu para as culturas e valores europeus e está indissociavelmente ligada à história europeia. Ao mesmo tempo, confessamos que os cristãos não conseguiram impedir o sofrimento e a destruição infligidos pelos europeus, tanto dentro como fora da Europa.

Estamos convencidos de que a herança espiritual do cristianismo constitui uma fonte de inspiração e enriquecimento para a Europa. Com base na nossa fé cristã, trabalhamos em prol de uma Europa humana e socialmente consciente, na qual prevaleçam os direitos humanos e os valores fundamentais da paz, da justiça, da liberdade, da tolerância, da participação e da solidariedade (Isaías 1,17). Insistimos igualmente na reverência pela vida; na importância

das relações humanas, incluindo o casamento e a família; na opção preferencial pelos pobres; na disponibilidade para perdoar; e, em todas as coisas, na compaixão.

Condenamos qualquer forma de violência contra pessoas humanas, especialmente a violência contra os mais vulneráveis e as minorias. As igrejas têm uma responsabilidade particular em garantir que os seus ensinamentos não condenem mulheres e crianças a continuar em situações de violência doméstica e abuso. Reconhecemos a nossa responsabilidade de cuidar, proteger e criar espaços seguros para os vulneráveis, pessoas com deficiência e pessoas marginalizadas, e de promover a justiça e a igualdade para todos.

Os cristãos na Europa fazem parte da família humana global. Consideramos que a diversidade das nossas tradições regionais, nacionais, culturais e religiosas é enriquecedora. No entanto, diferentes origens podem levar a controvérsias em questões de ética e fé. Como cristãos, somos chamados a interagir uns com os outros num espírito de escuta, discernimento e amor. Devemos preocupar-nos em construir relações e amizades com parceiros de outras partes do mundo. A esperança de construir um mundo mais justo, uma Europa mais justa, mais digna da pessoa humana, deve ser acompanhada pela

consciência de que os esforços humanos são inúteis se não forem sustentados pela Graça Divina.

Comprometemo-nos

- a contribuir para a unidade da Europa, identificando e procurando contrariar as divisões geopolíticas e socioeconómicas;
- a incentivar a participação em processos democráticos que visem o bem comum;
- a articular em conjunto as preocupações e visões das igrejas junto das instituições europeias;
- a resistir a qualquer tendência para a desumanização e o desrespeito pela vida humana, promovendo o florescimento de toda a pessoa e de cada pessoa, especialmente as mais vulneráveis;
- a fortalecer a posição das mulheres na igreja e na sociedade e defender a sua igualdade de direitos;
- a denunciar o extremismo religioso e tudo o que ameaça os laços entre nós;
- a resistir a todas as tentativas de uso indevido da religião e da igreja para fins étnicos, nacionalistas, políticos ou populistas;

- a contrariar as formas de nacionalismo que conduzem à opressão dos povos e das minorias, comprometendo-nos a facilitar estratégias e soluções não violentas e a defender os direitos humanos e das minorias;
- a renunciar a atitudes eurocêntricas, reconhecendo e cumprindo o nosso papel na promoção do bem-estar de toda a humanidade.

8. Fortalecimento das relações com os judeus e o judaísmo

Estamos ligados numa comunidade única com o povo judeu. As relações judaico-cristãs continuam a ser uma parte importante da identidade de cada cristão. Os judeus são o povo da Aliança que Deus nunca deixou de lado. Continuam a ser «amados» e escolhidos; «pois os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis». São a nossa raiz viva e sustentadora (Rom 11, 18,28-29). «Deles, segundo a carne, vem o Messias» (Rm 9,5). O povo judeu nunca foi substituído pela Igreja cristã, a Bíblia hebraica nunca foi substituída pelo Novo Testamento e a primeira Aliança nunca foi substituída pela nova.

Reconhecemos como um dom do Espírito Santo a crescente consciência do profundo vínculo existente entre cristãos e judeus. Podemos ler juntos as

Sagradas Escrituras e enriquecer-nos mutuamente com as nossas interpretações.

Deploramos e condenamos todas as formas de anti-semitismo, todos os surtos de ódio e perseguição. Pedimos perdão a Deus pelas atitudes antijudaicas entre os cristãos e pedimos reconciliação aos judeus. Juntamente com eles, os cristãos devem tornar-se guardiões da memória da presença e da herança judaicas na Europa, quebrada e quase apagada pelo Holocausto.

Comprometemo-nos

- a opor-nos a todas as formas de anti-semitismo e antijudaísmo na Igreja e na sociedade;
- a procurar e intensificar o diálogo com os judeus a todos os níveis, com o objetivo de realizar trabalhos e atividades conjuntas entre judeus e cristãos na Europa e no mundo;
- a reforçar a consciência da herança judaica na nossa teologia e liturgia;
- a visitar textos litúrgicos, catequéticos e homiléticos para erradicar uma teologia de substituição;
- a renunciar à missão institucional de proselitismo aos judeus, estando sempre prontos a dar testemunho pessoal de Jesus.

9. Fortalecimento das relações com os muçulmanos e o Islão

Para judeus, cristãos e muçulmanos, Abraão é uma figura fundadora. Os cristãos partilham com os muçulmanos a crença num Deus misericordioso. Tanto as nossas semelhanças como as nossas diferenças podem ajudar-nos a compreender melhor a nós próprios e uns aos outros. Estamos gratos pelas muitas formas de diálogo inter-religioso na vida, na ação, no intercâmbio teológico e na experiência religiosa. As reflexões sobre as relações entre o Islão e o Cristianismo permitem aos cristãos cultivar as suas relações dentro das religiões abraâmicas.

Os muçulmanos e os cristãos partilham um passado e um presente na Europa. Estes têm sido marcados pela coexistência pacífica e pelas relações de vizinhança, mas também por guerras e experiências dolorosas, fortes reservas e preconceitos de ambos os lados. Para aumentar a nossa compreensão mútua e ajudar-nos a viver melhor juntos, encorajamos uma intensificação dos encontros entre cristãos e muçulmanos e o reforço do diálogo muçulmano-cristão a todos os níveis.

Comprometemo-nos

- a procurar e a promover o diálogo com os muçulmanos a todos os níveis, discernindo e abordando questões de interesse comum com vista a desenvolver um trabalho e atividades conjuntas entre muçulmanos e cristãos na Europa e no mundo;
- a opor-nos à hostilidade e ao preconceito contra o Islão na Igreja e na sociedade, e à discriminação contra os muçulmanos, tanto a nível institucional como individual;
- a trabalhar em conjunto com os muçulmanos pela causa da paz contra o extremismo e o uso indevido da religião.

10. Envolvimento com outras religiões e visões do mundo

O panorama espiritual na Europa está em constante mudança, com uma pluralidade de crenças religiosas e visões de mundo e modos de vida não confessionais, juntamente com religiões orientais e novas comunidades religiosas. Além disso, um número crescente de pessoas abraça visões de mundo seculares e ateístas, é indiferente à fé ou tem outras filosofias de vida. No entanto, todos podemos viver

e agir juntos com base nas nossas preocupações e responsabilidades comuns para com outras pessoas e a sociedade.

Reconhecemos que as igrejas cristãs precisarão discernir com quais grupos podem e desejam se envolver seriamente. Onde for possível o envolvimento com indivíduos e comunidades, o entendimento mútuo deve ser promovido e as relações devem ser fortalecidas e aprofundadas. Ao nos respeitarmos uns aos outros, levamos a sério as questões críticas uns dos outros, sempre defendendo discussões justas.

Comprometemo-nos

- a promover a aprendizagem intercultural e inter-religiosa em apoio ao respeito mútuo e à convivência pacífica;
- a defender a liberdade de pensamento, consciência e religião com o objetivo de dar forma à Europa em conjunto, no quadro dos direitos e do bem comum de todos;
- a estar abertos ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade e a prosseguir com elas questões de interesse comum, o que para nós será também um testemunho da nossa fé cristã.

IV. ÁREAS DE RESPONSABILIDADE E COMPROMISSO PARTILHADOS NA EUROPA

«Quão bom e agradável é quando os irmãos vivem juntos em união!» (Salmo 133,1)

11. Lutar pela paz e pela reconciliação

A história demonstra que a guerra é ineficaz para resolver controvérsias entre nações. Embora as soluções não violentas sejam sempre preferíveis, reconhecemos que, por vezes, somos confrontados com a trágica realidade de escolher entre permitir que a violência continue ou usar a força para a acabar. Como igrejas, precisamos implorar a paz a Deus como um dom Seu, reconhecendo que a paz também precisa ser construída ativamente, dia após dia, através de obras de justiça e amor.

A paz não é apenas a ausência de guerra. Não há paz verdadeira sem equidade, verdade, justiça e solidariedade. É por isso que afirmamos que a guerra e a violência são uma derrota para a humanidade e que somente na paz e através da paz é que o respeito pela dignidade humana e seus direitos inalienáveis podem ser garantidos. Somos convertidos à

paz quando «transformamos as nossas espadas em relhas de arado» (Isaías 2,4).

Cristo ensina-nos a amar os nossos inimigos (Mt 5,44). A nossa fé não nos permite desesperar dos adversários. Não equiparamos aqueles que erram com os seus erros e não perdemos a esperança neles. A reconciliação inclui pedir perdão e oferecê-lo, bem como chegar a acordo sobre uma reparação adequada. Lutar pela paz e pela reconciliação significa criar espaços onde pessoas de boa vontade se reúnam, para estarem prontas para um diálogo sincero e contínuo, preparando o terreno para novos avanços na justiça em direção à coexistência pacífica de todos os seres humanos.

Comprometemo-nos

- a trabalhar pela paz na Europa e em todo o mundo, como pessoas feitas à imagem de Deus, o Senhor da Paz;
- a permanecer sem medo diante da guerra, buscando criar espaços para que as pessoas se encontrem e trabalhem juntas;
- a recorrer aos recursos religiosos para a cura e a paz, sempre que possível em cooperação com outros grupos;

- a encorajar, promover e apoiar processos de reconciliação e perdão, dando sempre prioridade a abordagens não violentas para a resolução de conflitos.

12. Salvaguardar a Criação

Acreditando em Deus, que ama todas as criaturas, reconhecemos com gratidão o dom da criação, o valor e a beleza da natureza e a nossa total dependência da criação para toda a nossa existência. Lamentamos a exploração excessiva dos bens da terra, que leva à crise ecológica, sem reconhecer a sua natureza limitada e as necessidades das gerações futuras.

A crise ecológica manifesta uma falha espiritual e ética no cumprimento da nossa vocação cristã em relação ao mundo natural, incluindo os nossos semelhantes. Ela exige uma resposta enraizada na nossa liturgia, na nossa adoração e no nosso discipulado. Acreditando na presença vivificante e redentora do Espírito Santo na criação, reconhecemos a necessidade de uma conversão ecológica para reparar a nossa relação com toda a criação, lembrando também que Cristo é «o primogénito de toda a criação» (Col 1,15).

Exortamo-nos mutuamente a trabalhar para

criar condições de vida sustentáveis para todos. Responsáveis perante Deus, devemos desenvolver e aplicar critérios comuns para discernir o que é eticamente desejável para as gerações presentes e futuras, sem depender excessivamente de soluções tecnológicas. Exortamos todos os cristãos a cuidarem das comunidades e do ambiente em que vivem, protegendo assim a nossa casa comum. Para marcar a nossa reverência e gratidão pela ação do Criador, encorajamos as Igrejas a valorizarem liturgicamente a criação ao longo do ano, especialmente na Festa da Criação (1 de setembro) e durante o Tempo da Criação associado.

Comprometemo-nos

- a mudar a nossa compreensão da criação, passando da possessividade à contemplação e reconhecendo a nossa total dependência do mundo criado;
- a agir em prol de uma conversão de comportamentos a nível pessoal, eclesial, social, comunitário e político, a fim de salvaguardar e cultivar a criação;
- a agir em conjunto para um modo de vida mais justo e sustentável, mudando o nosso estilo de vida, favorecendo a moderação e a contenção

no uso dos recursos que são um dom de Deus para nós e para as gerações futuras;

- a apoiar as organizações eclesiais e as redes ecuménicas que trabalham para aprofundar o nosso conhecimento e compreensão da Criação e de como protegê-la;
- a apoiar as comunidades afetadas pelo impacto das alterações climáticas, pela perda de biodiversidade e por outros efeitos da transição ambiental.

13. Acompanhar os migrantes, refugiados e pessoas deslocadas

A migração está a mudar a paisagem da Europa e das igrejas europeias. A migração pode ser impulsionada por muitos fatores, incluindo condições económicas, motivos políticos, procura de trabalho, perseguição, deslocação forçada ou alterações climáticas. As pessoas em movimento incluem refugiados, aqueles que procuram proteção e asilo, migrantes económicos e muitos outros grupos. Reconhecemos que a migração forçada ou involuntária muitas vezes cria profundo sofrimento, devido ao desenraizamento ou à ruptura com o local de origem do migrante. Afirmando a dignidade e os direitos de cada ser humano, denunciamos qualquer

forma de migração forçada, escravidão moderna e, particularmente, tráfico de seres humanos: consideramos todos estes crimes contra a humanidade. Comprometemo-nos a continuar a trabalhar para acolher as vítimas dessa migração forçada com respeito e compaixão humana, oferecendo-lhes a possibilidade de construir uma nova vida.

Embora reconhecendo também a complexidade da situação, enfatizamos e defendemos o motivo bíblico de ser estrangeiro (Dt 10,18), incluindo as próprias experiências de deslocamento de Jesus (Mt 2,13-23; 25,35). Cumprimos o imperativo cristão de estender a hospitalidade aos estrangeiros e, portanto, exortamos todas as pessoas a acolher, proteger, promover e integrar os migrantes.

Tanto a migração para a Europa como a migração dentro da Europa levaram a uma sociedade multicultural e multirreligiosa, alterando significativamente o panorama étnico, social, cultural e confessional nos países de destino e remodelando a composição das congregações. Ao mesmo tempo, a migração deixa frequentemente grandes lacunas nos países de origem e nas suas igrejas.

No entanto, a migração também enriquece a diversidade cultural e religiosa da sociedade de acolhimento. Muitas comunidades cristãs locais devem a sua existência à presença de migrantes, eles

próprios muito diversos. Em contextos onde existe ansiedade tanto por parte dos locais como dos migrantes, encorajamos as igrejas a criar espaços de encontro e a promover uma cultura de solidariedade, procurando inspirar confiança e respeito mútuo entre as pessoas. Os recursos religiosos, a arte e a cultura têm um grande potencial para unir pessoas de diferentes origens culturais, línguas e crenças.

Comprometemo-nos

- a unir-nos na diaconia, promovendo e praticando uma cultura de hospitalidade e solidariedade;
- a envolver-nos em ações transformadoras que reflitam os valores de justiça, amor e inclusão inerentes à fé cristã;
- a oferecer assistência pastoral, incluindo acesso a apoio social e jurídico, promovendo a construção de comunidades e permitindo que as pessoas vivam juntas em paz e com respeito mútuo;
- a trabalhar em conjunto com as instituições políticas – ou, quando necessário, a confrontar essas instituições – a fim de defender os direitos e o bem-estar dos migrantes: moldando políticas internas e internacionais,

salvaguardando os direitos humanos, sensibilizando o público, enfrentando desafios sistêmicos e promovendo a colaboração com organizações dedicadas à causa dos migrantes;

- a resistir à xenofobia e a todas as representações negativas dos migrantes, opondo-se também a qualquer tipo de migração forçada e oferecendo refúgio e proteção àqueles que precisam.

14. Envolvimento com as novas tecnologias

Afirmamos que a inteligência humana é um dom de Deus para a humanidade; somos chamados a usá-la para a glória de Deus (Salmo 8,5–9). Reconhecemos que a ciência e a tecnologia são produtos fascinantes – e, por vezes, assustadores – do potencial criativo humano que moldam a forma como nos relacionamos com o mundo, uns com os outros e conosco mesmos.

A inteligência artificial e outros sistemas digitais autônomos, a clonagem e o aprimoramento humano, bem como novas formas de comunicação, estão a moldar radicalmente as interações sociais, a sociedade como um todo e a gestão dos recursos humanos e naturais. Estão a influenciar cada vez mais

as nossas vidas diárias, com um impacto de longo alcance e ainda não totalmente compreendido nas relações pessoais, na educação, na administração pública e nos sistemas políticos, bem como na nossa relação com o ambiente.

Perante o rápido desenvolvimento das novas tecnologias, salientamos a necessidade de gerir toda a tecnologia para o bem comum, em vez de permitir que contribua para o aumento do ódio, da polarização e da propagação de mentiras e medo. Tanto as esperanças como as ansiedades relacionadas com as novas tecnologias precisam de ser equilibradas com a visão de Jesus para uma humanidade florescente, respeitando a integridade e a dignidade inata da pessoa, bem como o valor das relações pessoais e do conhecimento humano. Caso contrário, o afastamento humano, o distanciamento humano e as desigualdades continuarão a crescer sem controlo, permitindo que o conhecimento e a riqueza se acumulem nas mãos de poucos e representando graves riscos para as sociedades democráticas e a coexistência pacífica. Encorajamos as igrejas e os cristãos a não demonizar as novas tecnologias, mas a vê-las como uma oportunidade, convidando ao pensamento crítico e a uma consciência mais profunda da responsabilidade humana.

Comprometemo-nos

- a promover a literacia digital e o envolvimento crítico com a tecnologia, capacitando os indivíduos a compreender as ferramentas e tecnologias digitais, a utilizá-las bem e a tomar decisões informadas sobre a sua aplicação;
- a incentivar o diálogo com atores da esfera pública e da indústria sobre as questões éticas, políticas, económicas e de justiça social levantadas pelas novas tecnologias;
- a promover o desenvolvimento de quadros éticos e diretrizes que canalizem a aplicação de tecnologias novas e emergentes;
- a apoiar a avaliação contínua das implicações éticas de tais tecnologias, procurando garantir que elas estejam alinhadas com o bem comum, aprimorem a busca pela verdade e estejam enraizadas no respeito pelo valor e pela dignidade de todos os seres humanos.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DO COPIC	3
APRESENTAÇÃO DA CEP	5
PREFÁCIO E RECOMENDAÇÃO	7
INTRODUÇÃO E OBSERVAÇÕES GERAIS.....	11
I. ACREDITAMOS NA «IGREJA UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA»	
1. Chamados juntos para a unidade na fé	15
II. A CAMINHO DA UNIDADE VISÍVEL DAS IGREJAS	
2. Ouvir a Palavra de Deus e orar juntos	18
3. Aproximando-nos uns dos outros	20
4. Testemunhar juntos.....	21
5. Continuar o diálogo e agir em conjunto	23
6. Os jovens nas igrejas e no ecumenismo	25
III. ESFERAS DE ENCONTRO NA EUROPA	
7. Participar na construção da Europa num mundo em mudança	28
8. Fortalecimento das relações com os judeus e o judaísmo	31
9. Fortalecimento das relações com os muçulmanos e o Islão.....	33
10. Envolvimento com outras religiões e visões do mundo.....	34

IV. ÁREAS DE RESPONSABILIDADE E COMPROMISSO PARTILHADOS NA EUROPA

11. Lutar pela paz e pela reconciliação.....	36
12. Salvaguardar a Criação	38
13. Acompanhar os migrantes, refugiados e pessoas deslocadas	40
14. Envolvimento com as novas tecnologias	43
ÍNDICE	47

